

A close-up photograph of a roulette wheel on a green casino table. The wheel is partially visible in the foreground, showing numbers 25, 3, 26, 0, 32, 15, 19, and 4. A croupier's hands are visible in the background, one holding a roulette stick. The scene is brightly lit, typical of a casino.

Os sorrisos da fortuna

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

OS SORRISOS DA FORTUNA

A trilogia



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial
Alexandre Santos
Jacinto Almeida
Gérman Cárceres
Caio Porto
Carlos Newton Júnior



O que seria dos homens se não fosse a
sorte

Para Itamar Pereira da Silva, que confia a
própria vida a Deusa da Sorte

Conto I

Coisas da vida

– Cara – gritou o rapaz ao primeiro movimento do banqueiro, como se já soubesse a trajetória da moeda.

Não deu outra.

A moeda fez uma cambalhota esquisita e, subvertendo o esquema para o qual fora projetada, caiu com a coroa emborcada. Com um sorriso malicioso, a loura pegou-lhe as mãos e, sem esperar resposta, o puxou no rumo dos quartos do cabaré.

– Pronto! Sou toda sua.

Aquela cartada fora o desfecho de uma maratona de sortes inexplicáveis que começara duas horas antes, quando, desiludido com a vida e resolvido a se despedir do País o mais rápido possível, André Saraiva descobrira que saíra muito cedo para o aeroporto e, contrariando uma vida de recatos, resolvera fazer hora no Joanna's – um bordel de luxo famoso pelas mulheres caras e pela jogatina que oferecia a clientes endinheirados. A chegada de André ao lupanar foi brindada por olhares experientes, que – talvez pelo ar ingênuo, talvez pela pequena mala de viagem, talvez pelo jeito desengonçado – logo o classificaram como “um mané”. O sinal quase imperceptível da gerente atiçou a loura Jaqueline – a primeira-cortesã, a mulher mais requisitada da casa –, que

imediatamente avançou sobre a carne nova e, em dois tempos a levou aonde quis. Sem encontrar qualquer resistência, ao invés do salão onde pairavam as mariposas de sempre, a jovem puta-velha levou André ao cômodo secreto onde funcionava o cassino – uma arapuca especializada em deparar clientes desavisados. Era ali onde (a lei das probabilidades garantia), em meio a um cafuné e outro, o cliente perdia tudo que a coragem permitisse e, depois, sem maiores escrúpulos ou remorsos, era descartado e despachado para a vala dos desprovidos. Alguma coisa, no entanto, tinha acontecido com a roda da fortuna e, ao invés de perder ‘até as calças’ como previsto, o tal rapaz ganhou e ganhou muito, por horas seguidas. O ‘mané’ parecia saber com antecedência o

movimento dos dados que rodopiavam o veludo verde ou o plano de voo da bola que saltitava o carrossel da roleta. Muito dinheiro percorreu o sentido inverso ao esperado e, ao invés de sair, entrou no bolso de André. Avisada do descompasso que perturbava a ordem natural do cassino, a cafetina-chefe avisou ao banqueiro. A correria foi grande. Depois de confirmar pessoalmente a integridade do sistema cuidadosamente construído para fazer pender sortes e azares, o homem sacudiu a cabeça como se estivesse diante de um grande enigma. Alguma coisa estava errada. Contrariando a lógica, o rapaz não parava de ganhar. Se nada fosse feito, a banca quebraria antes do final da noite. Era hora de alguma providência. Munido das moedas especiais que o fizeram rico, o banqueiro

dispensou o crupiê e assumiu o comando do jogo.

– Que tal um cara-ou-coroa, sortudo? O dobro ou nada – desafiou sem delongas.

Ainda estupefato com a onda de sorte, André olhou para o monte de dinheiro a sua frente e titubeou. Jaqueline, então, cumpriu a parte que imaginava lhe caber naquele momento e, sem vacilar, usou a perícia adquirida no dia-a-dia da vida movimentada que levava desde sempre. Passando vagarosamente entre o cliente e a mesa, deixou que o traseiro macio o roçasse provocante, massageando-o interminavelmente. A voz sussurrou diretamente no ouvido de André:

– Se ganhar mais esta, eu lhe darei qualquer coisa.

A moeda viciada não fez a sorte mudar de lado. André ganhou mais uma vez.

“Sou toda sua”, ainda pasmo com a pirueta feita pela moeda de estimação, o banqueiro ouviu a voz de Jaqueline e rezou a Deus para que o cliente não insistisse em ficar ali, pois, nesse caso, teria que expulsá-lo à força. O detalhe é que, tendo verificado tudo pessoalmente, inclusive os dados e as moedas viciadas, o banqueiro sabia que, se havia fraude no sistema, era a seu favor. Olhando incrédulo a moeda que o traíra, o banqueiro ergueu a visão e, com alívio, viu a mulher loura levar o cliente pela mão. Embora enfurecido, não teve

como deixar de reconhecer que ali estava um homem de sorte.

O banqueiro não sabia, mas nem sempre as coisas tinham sido daquela forma.

Na realidade, até aquele momento, a vida de André tinha sido uma sucessão de azares. Azar na vida, azar nos negócios, azar no amor. Depois que perdera o emprego e, junto com ele, Soraya, a namorada interesseira que o trocara pelo chefe, desiludido e humilhado, André queria apenas fugir da realidade que o massacrava. Agastado com tudo e com todos, André não teve dúvidas: rapou todos os tostões da pequena poupança, comprometeu a indenização mixuruca que esperava receber e comprou a viagem para Paris.

Um mês longe de tudo talvez o fizesse esquecer a mulher que infernizara sua vida. Foi este André que, sem sequer saber da hora, saía de casa no início da tarde para apanhar um avião que só partiria no final da noite. Foi este André que, mesmo sabendo-se azarado, aceitara enfrentar um crupiê experimentado. Foi este André que, contrariando a lógica do sistema e a própria história de vida, quase quebrara o cassino do Joanna's.

Embora parado para André – que, sem acreditar na repentina e inédita onda de sorte, se beliscava para confirmar estar acordado e se apalpava para confirmar os bolsos recém estufados por maços de dinheiro ganhos facilmente, seguia o rastro da loura suculenta como um zumbi malicioso

antevendo os presentes que ganharia na alcova –, o mundo estava em pleno movimento. Bem à sua frente, caprichando no rebolado, caminhava Jaqueline, a primeira-cortesã do Joanna's, imaginando as prendas que pediria ao homem a quem se prometera de graça e a gratificação-extra que cobraria ao patrão a quem salvara da bancarrota prometendo encantos que ele próprio conhecia. Bem distante, a mais de 10 km ao sul, cumprindo um ritual que se repetia a cada dois dias, um comandante francês era despertado pelo beijo ardente da namorada carioca e, quase 20 km ao norte, tendo como pano-de-fundo a verdade omitida pela jovem sonhadora a uma mãe zelosa, uma mala que já pertencera a André era arrumada às pressas.

Entretido com os prazeres que o aguardavam, André não fazia a menor idéia do que acontecia pelo planeta, mas, ao tempo que recebia os primeiros bafejos da sorte, ganhando as primeiras rodadas na roleta no cassino do Joanna's, a deusa da fortuna também sorria para Soraya, a antiga namorada.

– Claro que quero, Miguel!...– gritou a moça ao telefone.

– Então corra para o aeroporto. Seu nome está na lista de espera. Nos veremos amanhã, meu amor.

Ela acabara de receber o convite para viajar ainda naquela noite à Europa onde se encontraria com o namorado no dia seguinte. Estava exultante. A viagem só não seria melhor porque não iriam sós. “Por uma questão de protocolo”,

explicara Miguel, “minha esposa também vai”. Isso era o de menos, pois os encontros furtivos não eram propriamente uma novidade na vida deles. Desde que tinham começado seis meses atrás, exercitavam a arte da dissimulação se encontrando às escondidas pelos motéis e bares da vida, ocultando o affaire do namorado dela, da esposa dele, dos colegas de ambos e do resto do mundo. Como em casos parecidos, o segredo não resistiu muito tempo. Bastou uma desconfiança para a fofoca ganhar os corredores e, em questão de dias, ser conhecida por toda a companhia. André, o namorado traído, como sempre, foi o último a saber. Desiludido, porém resignado ao infortúnio, ao invés de promover escândalo ou cobrar satisfações, baixou a

cabeça chifrada e simplesmente pediu demissão, removendo o último obstáculo para as traquinagens da moça, que, livre dos grilhões que a prendiam aos recatos da classe média, soltou-se e, pouco ligando para o falatório que se sabia alvo, assumiu a condição de 'a outra', esmerando as compreensões, atenções e carinhos que, sabia ela, Miguel não recebia em casa, pavimentando um caminho que, se Deus quisesse, poderia convertê-la em matriz.

Soraya desligou o telefone e, leve como um passarinho, correu para arrumar a mala. Pragmática, não contaria a verdade para a mãe, que, de formação tradicional, não aprovaria a viagem com o namorado, muito menos se soubesse o seu estado civil. Diria que viajaria a trabalho e pronto. Involuntariamente,

em sua pressa, Soraya agiu como nos tempos que ainda não conhecia Miguel. Na mala que André lhe dera “para a viagem de lua de mel” arrumou as roupas leves e excitantes que uma recém casada deveria usar. Mala pronta, correu para o aeroporto e se apresentou no guichê da Air France. Como Miguel recomendara, era a primeira da lista de espera...

Enquanto Soraya corria contra o tempo para ser a primeira na lista de espera, na principal alcova do Joanna’s, André era engolido por Jaqueline, que, cumprindo o que prometera, atendia a todas as vontades do menino, dando o melhor de si para justificar o presente que pediria pelos carinhos oferecidos de graça. Imerso no mundo de prazeres que a experiente cortesã lhe apresentava, André não estava nem aí para o relógio.

Só depois da quarta visita ao paraíso, já sem forças, o moço olhou para o relógio.

– Puta que pariu! – gritou ele, pulando da cama – preciso ir para o aeroporto.

Quando, esbaforido, André chegou ao guichê era tarde.

– Lamento senhor. Fechamos o atendimento para este voo há mais de dez minutos. A lista de espera já foi chamada – disse o rapaz da companhia aérea, se prontificando reservar um lugar no próximo voo, no dia seguinte.

Não havia o que fazer, a não ser lamentar o azar e atender a proposta. André sentiu o dinheiro nos bolsos e resolveu voltar para o Joanna's.

Recebido com alegria por Jaqueline – que, disposta a ter a ele e ao seu dinheiro só para si, desta vez passou ao largo do cassino, levando-o diretamente para o melhor apartamento do bordel –, André só soube do acidente muitas horas mais tarde, quando, exausto, momentaneamente fora das carnes da primeira-cortesã do Joanna’s, ligou a televisão e, com espanto crescente, verificou que todos os canais destacavam o desaparecimento do Airbus A330 que fazia o voo AF 447 da Air France para Paris – exatamente o que perdera horas antes. Calafrios sucessivos percorreram o corpo de André, assustando a mulher a seu lado.

A inexplicável onda de sorte o fizera escapar do mergulho que matara 228 pessoas no oceano Atlântico a meio

caminho das costas brasileira e africana. André jamais saberia, mas, ao usar o chame pessoal para antecipar em dez minutos o atendimento aos retardatários no guichê da Air France e tomar lugar no voo, a antiga namorada Soraya salvara-lhe a vida, dando a sua em seu lugar.

Coisas da vida!

Conto II

A segunda chance

– Por que você demorou tanto? –
Otávio perguntou tão logo Luciana chegou à sala de espera.

A pergunta era completamente fora de propósito, pois há pelo menos dois anos eles estavam separados. Vale dizer que nunca houve um casamento. Na realidade, fora mais do que isso. Embora estivessem impedidos de formalizar a relação por razões da vida, eles estiveram juntos por mais de cinco anos, desfrutando intensamente as delícias do amor, enfrentando os rigores da convivência entrecortada, sempre

brigando e amando como se não houvesse um amanhã. Estranhamente, Luciana estava alegre, parecendo ter superado os traumas da longa separação. Ao chegar, ela brilhou o sorriso apaixonado de sempre e não se esquivou do beijo de Otávio. De sua parte, sem demonstrar qualquer receio de serem vistos juntos em público, Otávio tomou Luciana pelas mãos e, como um menino enamorado, gritou o amor que sentia por ela para que todos pudessem ouvi-lo. Mesmo esquisito – havia alguma coisa de errado naquilo tudo –, o reencontro foi ótimo. Em poucos minutos, como se o desenlace jamais tivesse ocorrido, Otávio e Luciana namoravam abertamente, andando de braços dados e trocando arrulhos e beijos como adolescentes apaixonados. De repente, num salto,

como num filme truncado, Luciana e Otávio caminharam pela ponte-finger e embarcaram juntos no avião da Air France. Outro corte e eles estavam lado a lado em confortáveis poltronas da classe executiva. Beijos, beijos e mais beijos. O tempo passava e, como eternos namorados, homem e mulher aproveitavam a companhia um do outro rumo a Paris.

Foi quando veio a catástrofe.

Depois de um violento sacolejo, a voz do comandante sacudiu o alto-falante.

– Senhores passageiros, por favor, atentem para os sinais de apertar os cintos. Comissárias venham à cabine com urgência.

Enquanto o avião balançava como um touro bravo, as aeromoças largaram o que faziam e correram para atender ao chamado. Não demorou.

– Senhores passageiros – a voz falou novamente –, lamento informar que estamos atravessando uma zona de extrema turbulência. Vamos rezar para que a aeronave suporte... – o comandante não terminou a frase. O bólido mergulhou no vazio, caindo 10.000 metros instantaneamente.

O avião não chegou a explodir ou espatifar na imensidão escura das águas oceânicas. O momento que a aeronave começava a se desfazer em milhões de pedaços foi interrompido bruscamente. Uma voz grave ecoou o sistema de som do aeroporto, avisando que o embarque

do voo AFF 447 da Air France começaria a seguir.

Otávio acordou angustiado.

Sem resistir ao cansaço, dormira a sono solto na sala de espera. Agora, estava alarmado. Já sem saber se deveria ou não embarcar naquele voo, Otávio mirou a galeria e, como em déjà vu, viu a chegada apressada de Luciana na sala de embarque. Empurrado por uma força interior, correu em direção a ela.

Assustado com as coisas que só ele sabia, Otávio foi direto, quase rude. Sem um cumprimento sequer, tomou Luciana pelas mãos:

– Vamos para casa – disse, simplesmente.

O reencontro não foi exatamente como Otávio desejava. Foi muito diferente daquele vivido há poucos instantes. Ao contrário daquilo que o sonho fizera parecer, a intimidade deixara de existir há tempos e, surpresa com a atitude do ex-namorado, Luciana reagiu enfurecida.

– Me largue – se desvencilhou num safanão – você está pensando o quê? Depois de todo este tempo, você aparece do nada e fala como se fosse meu marido. Ficou doido, seu Otávio?

Só então ele atentou não ser mais namorado de Luciana e, pior: não dispor de nada para justificar a atitude intempestiva – só tinha o sonho, nada mais. Desesperado, decidiu apostar na

confiança que sempre tiveram um no outro.

– Luciana – falou nervoso –, não tenho tempo para explicar nada. Sei apenas que não devemos embarcar neste voo. Você precisa confiar em mim.

Deu trabalho. Não foi fácil convencer a ex-namorada a desistir de viajar naquela noite. Rapidamente, a fila avançava rumo ao guichê de acesso ao finger e Otávio não parava de falar. Luciana jamais tinha visto seu antigo namorado daquele jeito: quase descontrolado. Finalmente, convencida de que deveria haver alguma razão muito séria para fazer Otávio agir daquela forma, Luciana tomou a decisão mais importante da sua vida e desistiu de embarcar.

– Espero, Otávio, que você tenha alguma coisa importante para falar – desafiou, olhando o fundo dos olhos do ex-namorado.

Otávio tomou a mão de Luciana – que, desta vez, não reagiu – e, para surpresa do despachante, deixaram a fila de embarque. Sem trocar uma única palavra, sempre de mãos dadas, ganharam o saguão e foram para o mezanino. Um restaurante. Um lugar tranquilo. Um canto para conversar. Era tudo o que precisavam. Embora disposto a contar, tim-tim por tim-tim, a visão que o fizera lutar desesperadamente para não embarcarem naquele avião, Otávio estava mais interessado em abrir o coração e confessar o amor renovado que nele aflorou quando, no sonho daquela noite, estiveram juntos. Tantas

coisas a falar. Tanto tempo a recuperar. Tanta vida para viver. Embevecido pela voz, pelo cheiro, pela presença do passado que se fazia presente e se, dele dependesse, se faria futuro, Otávio chegou a esquecer o sonho maluco. Trocavam o primeiro beijo quando veio a correria. Indiferente ao amor que se renovava no mezanino, a edição extraordinária da televisão anunciava o desaparecimento do airbus A330 que fazia o voo AF 447 para a Paris. Uma explosão de choro os fez mais juntos e, juntos, Luciana e Otávio souberam que o avião no qual viajariam separados mergulhara no oceano Atlântico levando 228 pessoas para a morte.

Conto III

Coisas da vida (II)

Ernesto estrebuchou de raiva.

De nada valera a pressa.

Perdera o voo e, com ele, provavelmente a matrícula tão sonhada num curso de férias da Sorbonne. “Merda!”, repetiu mil vezes.

A sorte estava contra ele. No último segundo, o sinal mudara a fase e o vermelho o retivera por segundos preciosos no acesso à via expressa que levava ao aeroporto. Se não fosse aquele atraso, teria sido ele o primeiro da lista de espera. Teria sido ele e, não a gostosona oxigenada, a última pessoa a

embarcar. Ao invés de zanzar pelo saguão, estaria instalado numa poltrona do A-330 que, àquela hora, já em velocidade de cruzeiro, cruzava o Atlântico rumo a Europa.

“Merda!”, repetiu mil vezes, esbravejando contra tudo e contra todos, chegando até a enxotar a bela e estranha mulher que, sem fechar o sorriso escancarado, perguntou-lhe se poderia ajudar. Se houvesse uma deusa da fortuna, Ernesto a xingaria naquele instante. Mas a deusa existia. Silenciosa e sorridente, quase sempre longe das vistas e da compreensão dos homens, ela construía destinos manipulando humores e mal querências para fazer girar a grande roda da vida.

Sem parar de resmungar, Ernesto confirmou o voo para o dia seguinte e, sem nada melhor para fazer, socou a mochila no guarda-volumes e entregou-se a um nada-a-fazer pelo shopping-aeroporto. Visitou lojas, bisbilhotou vitrines, folheou livros, conferiu o relógio centenas de vezes, cochilou, investigou funções nunca usadas no celular, vagou pelos corredores, observou os avisos, fez promessa para o tempo passar mais rápido. Finalmente, exausto e enfadado, já sem ligar para o que as pessoas pudessem achar, se esparramou num banco e procurou a posição menos incômoda. Rendeu-se ao cansaço sem diferenciar a vigília da sonolência.

Jamais soube por quanto tempo dormiu.

Foi arrancado do sono por uma correria anormal pelo saguão. Alguma coisa havia acontecido. Repentinamente, vindas de todas as direções, as pessoas atraídas pelo noticiário se aglomeravam no entorno da televisão. Não havia dúvida. Alguma coisa muito importante havia acontecido. A pequena multidão crescia e diminuía conforme a incorporação de curiosos cujos semblantes, progressivamente, passavam da surpresa ao horror, e diásporas sem destino marcadas por olhos esbugalhados e bocas abertas. Nunca tantos celulares foram usados tantas vezes em tão pouco tempo. Vendo a movimentação, já completamente desperto, Ernesto fez como todos e correu para a televisão. Sem dificuldade para impor-se ao burburinho, a voz

pesarosa falava do desaparecimento entre as costas brasileira e africana do A-330 que, saído há pouco do aeroporto do Galeão, fazia o vôo AF 447 da Air France para Paris com 228 pessoas a bordo. Aquele era o avião que ele tomaria.

A vista de Ernesto turvou. As pernas bambearam. Só não foi ao chão, nocauteado pela notícia, por conta de braços desconhecidos que o ampararam. Ainda tonto, sem conter a emoção ou o respeito devido aos desaparecidos, como um celerado, Ernesto sorriu um grito de alegria. “Um milagre me livrou da morte!”, repetiu a ventura a todos ouvidos que viu pela frente, mesclando risos e choros. Repentinamente esquecido da razão que o fizera vociferar tantos impropérios nas últimas horas, Ernesto sentiu-se um ‘homem de sorte’.

De achincalhado como ‘agente de todos os azares do mundo’, o semáforo vermelho passou a ser louvado como prova da existência de Deus. Em segundos, Ernesto ganhou notoriedade.

Deixou de ser Ernesto, o azarado anônimo que perdera a matrícula na Sorbonne por conta de um sinal fechado, e passou a ser o sortudo notório que escapara da morte justamente por conta dele. “Se o sinal estivesse aberto, Ernesto teria embarcado e a esta hora estaria entre aqueles que desapareceram no meio do oceano Atlântico”, disse a repórter da TV Globo em cadeia nacional, granjeando-lhe a glória dos imortais. A sorte de Ernesto ofuscou a tristeza e o desespero das famílias enlutadas. Ernesto virou estrela. Foi fotografado, filmado, entrevistado pelos principais

jornais, rádios e televisões. “Devo a minha vida a um lance de sorte”, repetia ele. Embevecido pela situação, Ernesto esqueceu a viagem e, de bom grado, cancelou a reserva para o dia seguinte e agendou tantas entrevistas e participações quantas foram solicitadas. Extasiado, concluiu que, por alguns dias, seria notícia em toda a imprensa nacional e estrangeira.

O sol nascia quando, momentaneamente esquecido pela imprensa, Ernesto resolveu voltar para casa. Enquanto caminhava para o ponto de táxi, do nada lembrou antigas conversas familiares. Recordou que, retrucando o “as pessoas só morrem quando chega a hora” dito por muitos, seu velho e sábio pai contestava com um “não esqueça de que quando chega a

hora do piloto, todos morrem”. Um arrepio eletrizou o corpo de Ernesto que, naquele exato instante, duvidou se teria coragem de voltar a viajar de avião.

E, com as velhas histórias e os novos medos, Ernesto deixou o aeroporto.

Sem reconhecer na moça que abriu a porta do táxi, a mulher que lhe oferecera ajuda ao saber ter perdido o voo, Ernesto ingressou no carro. A maré de sorte parecia continuar, pois, sincronizados por algum comando inexplicável, o verde surgia à medida que o táxi se aproximava dos cruzamentos, permitindo o deslocamento em grande velocidade. Naquele ritmo chegaria em casa mais cedo e poderia dormir bastante. Ele merecia e precisava.

Não foi o que aconteceu. No último cruzamento, alegre, o motorista festejava a onda verde e, distraído, não conseguiu desviar o táxi do caminhão que violara o sinal. O acidente foi grave. Embora o motorista do táxi tenha escapado sem um arranhão, Ernesto não resistiu aos ferimentos e teve morte imediata.